
A SITUAÇÃO DO CAFÉ

A compra do café pelos importadores dos Estados Unidos tem sido muito pequena. Nos quatro primeiros meses do corrente ano comercial 1954/55, deixamos de exportar, em confronto com o ano passado, um total de 2 723 976 sacas de café. Grande parte dessa diminuição se deve à retração dos Estados Unidos, que são o nosso principal mercado.

A situação se agrava se considerarmos que iniciamos êse ano agrícola de 1954/55 com um carry-over de 3,3 milhões, quando nos anos anteriores tinha sido de 4,9 em 1951/52, 2,9 em 1952 1953 e 3,3 em 1953/54.

A restrição do mercado americano trouxe uma queda nos preços do nosso café que desceu a níveis inferiores aos nossos preços mínimos. Em lugar dos 68 centavos por libra-pêso aproximadamente, a cotação do mês presente na Bolsa de New York chegou a 62,40, reagindo posteriormente com as compras da Comissão de Financiamento da Produção, na base dos preços mínimos.

O mesmo ocorreu com o café da Colômbia que não obstante o seu preço mínimo de exportação ser, na ocasião, mais ou menos de 86 centavos, a sua cotação no disponível chegou a 72 centavos. Isso obrigou a Colômbia a reduzir o preço mínimo em 4,9 centavos por libra pêsos.

A pequena compra dos Estados Unidos deve-se aos seguintes fatores:

- a)- Desconfiança- pois os importadores e torradores não acreditavam que o Brasil pudesse manter os atuais níveis de preços, e isso devido a:
 - 1- Insegurança de sua posição cambial;
 - 2- Perspectivas de mudança da posição estatística do produto.
- b)- Estoques altos- pois foi adquirido muito café por esse país no fim do ano passado e no princípio dêse, conforme mostram os dados estatísticos. De 1º de setembro de 1953 a 30 de abril de 1954, os Estados Unidos importaram 15.747.197 sacas, enquanto nos anos anteriores, na mesma época, importaram 15 106 456 e 14 875 975.

- c)- Existência de outras fontes supridoras- como a Colômbia e mesmo a África. A Colômbia forneceu no mesmo período deste ano, 3 796 172 sacas, enquanto no ano anterior fôra de 3 359 370. E o café de outras procedências aumentou de 886 408 para 1 504 174. Além dos Estados Unidos importarem menos, houve, também, substituição do café brasileiro por outros.

Nos primeiros dias de novembro notou-se uma melhoria de situação. Os preços reagiram favoravelmente e os registros de exportação em Santos e outros portos estão maiores. Até o dia 16 já tinham sido registradas 894 097 sacas para o estrangeiro e já tinham sido embarcadas 645 766, o que significa que as exportações nesse mês deverão atingir 1 200 000 sacas. Esse número distancia-se ainda da exportação de idêntico mês do ano passado, que foi de 1 791 814 sacas.

Esta melhoria deve-se ao movimento processado na Bolsa, onde o número de negócios em aberto para dezembro é muito grande, pelo fato dos estoques dos Estados Unidos estarem agora se mostrando mais baixos. Os cafés nos armazéns gerais de Nova York caíram de cerca de 700 000 sacas em princípios de setembro para 400 000. Agências estatísticas particulares calculam que o estoque total dos Estados Unidos, incluindo café dos importados e torradores, era em setembro de 1954 de 3,3 milhões; em abril deste ano, de 4,6; e em setembro do ano passado, de 3,5 milhões.

Não obstante essa melhoria de preços e de exportação, persistem as causas fundamentais determinantes da atual crise do café e que se resume na falta de confiança em nosso câmbio e na futura posição estatística do produto.

A solução desse problema é extremamente difícil. Diver^sas medidas para normalização das exportações têm sido sugeridas por estudiosos e interessados na questão. A maior dificuldade de porém, consiste no fato de que elas têm que ser tomadas em conjunto e que, de modo geral, implica em mudanças sensíveis de nosso sistema cambial, se não do próprio processo de comercialização.

Para fins de esclarecimento, apresentamos a seguir as medidas que têm sido propostas com maior insistência pelos interessados, e o fazemos sem maiores comentários, incluindo apenas os esclarecimentos que se fazem necessários para sua melhor compreensão.

As medidas sugeridas são, em resumo, as seguintes:

1) - Fortalecimento da situação cambial.

Com receio de que haja modificação em nossa taxa de câmbio, os importadores restringem suas compras e evitam estoques normais, pois sabem que tal modificação resulta sempre em queda nos preços do café no mercado de Nova York.

A fim de eliminar esse fator de baixa, estão sendo aconselhadas as seguintes medidas:

- a) - Limitação drástica das importações.
- b) - Maiores facilidades para entrada de capital estrangeiro.
- c) - Obtenção de maiores empréstimos externos.
- d) - Incremento da exportação de outros produtos.

Aliás, o governo tem procurado atingir esses objetivos, não obstante as dificuldades ainda não superadas.

2) - Eliminação do confisco cambial.

Outro motivo dos importadores restringirem suas compras, é o receio de que ocorram modificações no confisco, a exemplo do que aconteceu com a portaria 99, que lhes trouxe grandes prejuízos.

Para eliminar o confisco cambial, tem sido considerados os seguintes pontos: que a simples eliminação do confisco é medida difícil de ser adotada, pois isso significaria um possível aumento do preço do café em cruzeiros e certamente, uma grande diminuição do preço em dólares. Seria também de efeitos danosos sobre a economia do país que, dificilmente, poderia manter - se sem os benefícios desse confisco.

Para contornar tais dificuldades e, ao mesmo tempo, eliminar a desconfiança que a manutenção deste confisco trás ao mercado do café, tem sido sugerida uma das seguintes medidas:

a) - Modificar o confisco, adotando sistema idêntico ao da Portaria nº 66, com uma parte fixa no câmbio oficial e outra variável no livre, calculadas de modo a manter o atual preço mínimo em cruzeiro.

A parte fixa seria revista cada quinze dias, ou vinte, a fim de atender às variações do preço do café no mercado internacional. Ter-se-ia, também assim, a vantagem de serem evitadas as sonegações cambiais. Haveria, porém, o inconveniente de deixar de existir o preço mínimo em centavos em Nova York. A sua

adoção significaria, pois, que teríamos de defender o preço na Bolsa de Nova York, ou diretamente no disponível desse mercado como faz a Federação de Cafeicultores da Colômbia.

b) - Outra sugestão tem sido a de garantir ao exportador que qualquer mudança de preço, devido à modificações no câmbio, seria reposta em espécie, a fim de lhe compensar o prejuízo, o que poderia ser feito com os estoques da Comissão de Financiamento da Produção.

3) - Evitar efeito depressivo das próximas safras, que os americanos julgam ser grandes.

Para evitar esse receio, aconselha-se uma série de medidas que passaremos a enumerar:

- a) - Estudar a possibilidade de estender a garantia do preço mínimo em cruzeiros, por mais um ano;
- b) - Incentivar propaganda para aumentar o consumo;
- c) - Iniciar entendimento com os demais países produtores para executar um plano de carácter permanente, a exemplo dos acôrdos do açúcar e trigo.
- d) - Estudar acôrdo com grandes firmas importadoras americanas a fim de que estas contratem venda de determinada quantidade com os torradores, garantindo a reposição de mercadoria, caso os preços do café no retalho sofram queda.

Julgam que isso traria grande confiança ao comércio, pois eliminaria o risco de quedas devidas às modificações da posição estatística. Todavia, surgiria uma dificuldade, pois os Estados Unidos passariam a adquirir o nosso café em lugar de o dos nossos concorrentes e isso faria com que houvesse reclamações diplomáticas.

4) - Eliminar a possibilidade de que "grupos" façam movimentos baixistas na Bolsa. Aliás as condições do mercado têm sido infelizmente propícias para o movimento especulativo nesse sentido.

5) - Manter o mercado interno através das medidas atualmente em vigor e que são: preço mínimo em cruzeiros; e financiamento para aquisição do produto, por intermédio do Banco do Brasil.

6) - Intensificar a propaganda para aumento de consumo nos Estados Unidos, Europa e outras regiões.

7) - Providenciar acordos com os demais países produtores e consumidores, a exemplo do que foi feito com o açúcar e o trigo.

Quanto a isso, pondera-se que não seria fácil pois que devido à perspectiva de um longo ciclo de safras abundantes, será necessário um plano de retenção para tornar possível a sustentação de preços. Será difícil, nesse sentido, convencer os países produtores que não tiveram até hoje o problema de acumular estoques. O café desses países pode sempre ser vendido antes do nosso, devido à qualidade. O problema de nossos concorrentes, pois, de preços e não de estoques invendáveis. Somente farão retenção conosco, se se convencerem de que largaremos completamente, os preços caso não nos acompanhem.

Quanto à questão da manutenção do preço mínimo o que se diz é que para os níveis de preços serem mantidos em 70, 60 ou mesmo 40 por libra, as dificuldades se fazem sentir mais no lado da oferta do que da procura. O consumidor poderá se acostumar a qualquer desses níveis, por se tratar de produto de demanda inelástica, principalmente tendo-se em vista a atual conjuntura mundial e o alto poder aquisitivo do mercado americano. Todavia, do lado da oferta, considera-se que qualquer um desses níveis poderá fazer com que a quantidade produzida seja superior à consumida. Isso faz com que não haja vantagem em obter um preço normal que equilibre a oferta e a procura. Aliás, o que ocorreu com o açúcar e o trigo, recentemente, mostra que já existe entre os países produtores e consumidores o ambiente propício de preços superiores a esse preço normal, com retenção e limitação de produção por parte dos países produtores.

* * *